



Universidade de Brasília (UnB)

Instituto de Letras (IL)

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)

Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua (LSB  
– PSL)

## **OS DESAFIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS**

Uma abordagem das dificuldades que circundam o processo de ensino-  
aprendizagem de alunos Surdos

**AGNES NAOMI KIHARA MAEDA**

Brasília

2021

AGNES NAOMI KIHARA MAEDA

## **OS DESAFIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS SURDOS**

Uma abordagem das dificuldades que circundam o processo de ensino-aprendizagem de alunos Surdos e estratégias que podem auxiliar nesse processo.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua - LSB - PSL.

Orientador: Professora Doutora Roberta Cantarela

Brasília

2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus. Segundo, em memória de meu pai, que me apoiou durante todo o curso. Quero agradecer imensamente o apoio da professora Isabela do projeto Surdo Foto, também o professor Domingos Coelhos que, desde os meus 16 anos de idade, abriu portas para trabalhar nos projetos acadêmicos na UnB e no projeto do RPG. Quero agradecer a todos os professores do projeto Covid19, foi uma honra trabalhar com vocês. Quero agradecer a todos do elenco da peça “Crepúsculo do tormento”, principalmente às professoras Gloria e Roberta por terem aberto essa porta para mim na área do teatro.

Quero agradecer à professora Patrícia, do Campus de Ceilândia, por ter dado a oportunidade de, junto com meus colegas, fazer um evento sobre a “Semana da Arte” com todos os Campus de Brasília. Agradeço também à Reitoria e a todos os servidores da UnB que sempre me trataram tão bem, me sinto muito amada por todos vocês. Agradeço a todos os professores e intérpretes do curso Língua Brasileira de Sinais - Português como Segunda Língua. Agradeço à professora Margot por me ajudar no desenvolvimento do tema e me ensinar o Português como Segunda Língua. Agradeço também, à professora e, orientadora desse trabalho, Roberta Cantarela, por me abrir tantas portas na UnB nos projetos acadêmicos.

Quero agradecer ao meu querido companheiro, mais que amigo, Gustavo Menezes Franceschini, por sempre me ajudar e me apoiar em tudo e, principalmente, nesse trabalho, por ter disponibilizado e sacrificado seu tempo por mim, corrigindo a ortografia, formatando o texto e traduzindo o resumo para o inglês. Foste para mim, um porto seguro, eu te amo muito! Quero agradecer minhas amigas Êmilly Morais, Raissa Brito, Bruna Rezende, Nicole Oliveira e Louise Bernardes por terem me ajudado muito, não só na área acadêmica, como também na minha vida. Agradeço ao meu psicólogo Danillo Rapel por ter me ajudado todos esses anos e, também, à psicóloga Fernanda. Agradeço imensamente à Ellen, Didi e Iury por sempre me apoiarem. Agradeço a todos os meus amigos e familiares que me apoiaram nesse momento tão difícil da minha vida.

Quero agradecer imensamente a todos do NVC na UnB, que sempre me apoiaram e me ajudaram a não desistir do propósito de Deus na minha vida, nos momentos mais difíceis da minha vida, vocês nunca me abandonaram na UnB,

agradeço muito por isso. Agradeço à Lara e Osmar Ribeiro pela colaboração na parte da edição dos vídeos acadêmicos. Por fim, agradeço aos que irão ler meu TCC, espero que possa ajudar em suas pesquisas acadêmicas.

## **RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso abordará as principais dificuldades dos surdos em relação ao aprendizado da Língua Portuguesa, assim como apresentará sugestões de como esse cenário pode mudar. Tendo isso em vista, também serão expostos os principais desafios presentes no sistema educacional brasileiro a serem superados, sendo colocada em evidência, sua relação com o aprendizado do Português para os surdos. Novamente, haverá sugestão de ideias para a transformação desse meio, principalmente no aspecto dos métodos e materiais didáticos utilizados na educação dos surdos, sendo aplicados desde o ensino básico ao superior.

**Palavras-chave:** Educação, desafios, educação para surdos, aprendizagem, LSB.

## **ABSTRACT**

This completion of course work will examine and discuss the deaf's main adversities related to their Portuguese language learning, as well as suggest ideas about how this scenario can be changed for the better. With this in mind, the most crucial challenges to be overcome in the Brazilian educational system will be exhibited, highlighting its link with Portuguese learning for the deaf and once again, suggesting ideas to improve this area. Those concepts are mostly around the methods and teaching materials used in the education for the deaf, being applied since the basic education until the university education.

**Keywords:** Education, challenges, education for the deaf, learning, LSB.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Ex. – Exemplo

IL – Instituto de Letras

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

LBS – Língua de Sinais Brasileira (Libras)

LBS-PSL – Curso na UnB de Língua Brasileira de Sinais e Português como Segunda Língua

LIP – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

MEC – Ministério da Educação

NVC – Núcleo de Vida Cristã (grupo cristão da Universidade de Brasília)

PL1 – Português como Primeira Língua

PL2 – Português como Segunda Língua

Português L1 – Português como Primeira Língua

Português L2 – Português como Segunda Língua

PSL – Português como Segunda Língua

RPG – Role Playing Game (jogo onde os jogadores criam diversas narrativas)

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UnB – Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
1.1. Apresentação do tema.....	9
1.2. Objetivos.....	9
1.3. Justificativa .....	9
1.4. A história dos surdos .....	10
1.5. O curso de LSB-PSL .....	12
1.6 Metodologia .....	13
2. DESENVOLVIMENTO .....	14
2.1. HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA .....	14
2.2. ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA .....	15
2.2.1. Reformas Ortográficas .....	16
2.3. DIFICULDADES DE SE LIDAR COM A GRAMÁTICA .....	18
2.4. A VANTAGEM DO SURDO QUE É MAL APROVEITADA .....	20
2.4.1. O português como segunda língua.....	20
2.4.2. O medo da escrita e sua falta de prática .....	21
2.4.3. O sistema educacional brasileiro.....	23
2.4.4. A falta do hábito da leitura .....	25
2.5. A SAÍDA PARA OS PROBLEMAS PRESENTES NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS.....	28
2.5.1 O método “conteudista” do sistema educacional do Brasil.....	28
2.5.2 A aprovação de alunos surdos não capacitados por meio de professores	29
2.5.3 A falta de materiais adaptados para Português L2.....	30
3. CONCLUSÃO .....	32
4. REFERÊNCIAS.....	34



# **1. INTRODUÇÃO**

## **1.1. Apresentação do tema**

O ensino do Português escrito para alunos surdos sempre foi um tanto quanto desafiador para docentes no Brasil. A particularidade da surdez no processo de aprendizagem, somado ao desconhecimento desta, principalmente no que tange os aspectos metodológicos, por parte dos docentes, é fator que necessita de pesquisas e disseminação de propostas para que seja melhorado.

Tendo isso em vista, torna-se perceptível a necessidade de se aprimorar os métodos pedagógicos adaptados para os surdos, relacionados ao Português como Segunda Língua.

## **1.2. Objetivos**

A partir dessa necessidade, surge a proposta deste tema, que almeja apresentar as dificuldades que circundam o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos em relação à Língua Portuguesa, além de apresentar estratégias que poderão auxiliar na dinâmica do ensino.

Trata-se de uma abordagem de como se pode melhorar o ensino do Português como Segunda Língua, sem que o aluno decore o conteúdo apenas para passar na prova, mas que o aprenda para usar em seu cotidiano. É tratada também a necessidade de suprimir o medo que o surdo tem ao escrever, devido ao seu receio de ser corrigido ou julgado pela sociedade.

Além disso, revela-se a causa de vários alunos surdos (e ouvintes) não terem uma base educacional boa, o que acaba dificultando os professores universitários no seu ensino da Língua Portuguesa e ainda, desafiando a melhoria do ensino do Português para os surdos.

## **1.3. Justificativa**

A escolha deste tema se deu pela minha própria experiência como aluna surda, inserida, desde a tenra idade, no contexto escolar. Pude notar, não só dentro do meu contexto, mas também, de meus colegas surdos, que, muitas vezes, a própria dinâmica do ensino causava bloqueios no processo de aprendizagem, o que vai muito além da questão congênita ou adquirida da surdez.

Além disso, pela minha percepção como aluna surda e, com auxílio de pesquisas, ficam evidentes as inúmeras falhas no contexto escolar no que tange o ensino e aprendizado. Por essa razão, decidi abordar esse tema, refletindo sobre como pode ser possível melhorar o ensino do Português como Segunda Língua para alunos surdos.

Convém, portanto, dissecar os aspectos que conflituam o processo de ensino-aprendizagem e colaborar com o desenvolvimento de uma estratégia que possa auxiliar no ensino do Português escrito para surdos, utilizando uma metodologia diferenciada que auxilie os surdos a perderem o medo de escrever o Português, pois muitos surdos têm um bloqueio ao escrever por medo de serem menosprezados por conta de seus erros gramaticais.

#### **1.4. A história dos surdos**

As batalhas pela comunicação dos surdos por meio de uma língua de sinais sempre foram presentes. Houve muita repressão contra a comunidade surda, mas com várias lutas em prol de nossa comunidade, conseguimos conquistar nosso lugar na sociedade ao longo do tempo, contudo, nem sempre foi assim. Até o século XV, os surdos eram considerados como pessoas incapazes de aprender por meio da educação tradicional, logo, eram considerados ineducáveis. A partir do século XVI, essa ideia foi entrando em declínio na Europa, quando a educação dos surdos então, passa a ser mais estudada.

Eduard Huet, um surdo francês, teve o protagonismo na luta pela educação dos surdos, tendo até visitado o Brasil em 1857, pelo convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola para surdos no país que, na época, tinha o nome de “Imperial Instituto de Surdos Mudos”. A escola ainda está com suas portas abertas, todavia, seu nome foi alterado para “Instituto Nacional de Educação dos Surdos” (INES), devido ao desuso do termo “surdo-mudo”, que foi considerado equivocado. A Língua de Sinais Brasileira foi criada juntamente com a primeira escola para surdos. A Libras surgiu de uma junção entre a Língua Francesa de Sinais e os sinais que os surdos brasileiros já utilizavam.

Todavia, no II Congresso de Milão foi eleita, em setembro de 1880, uma proposta de educação para os surdos com uma abordagem oralista. Essa abordagem,

no entanto, consistia em fazer o surdo falar como se fosse não-surdo, proibindo o uso da Língua de Sinais e educando-o através da leitura labial.

Assim, as propostas oralistas contaram com a chancelada oficial do Congresso de Milão, fazendo de grande parte das escolas para surdos espaços de reabilitação, de ortopedia da fala, de normalização de indivíduos 'anormais'. (EIJ, Hugo; 2016, p. 1)

Contudo, após 100 anos da utilização deste método no contexto educacional, foi constatado um verdadeiro fracasso acadêmico. Uma vez que, ao deixar de utilizar sua língua materna, a Língua de Sinais, os surdos passaram a apresentar atrasos cognitivos em decorrência desse método. Além do mais, os Surdos aprendiam, no máximo, fragmentos da língua, o que resultou em alunos que não entendiam o que liam e que apresentavam muitas dificuldades na escrita.

Nenhum outro evento na história de surdos teve um impacto maior na educação de povos surdos como este que provocou uma turbulência séria na educação, que arrasou por mais de cem anos nos quais os sujeitos surdos ficaram subjugados às práticas ouvintistas, tendo que abandonar sua cultura, a sua identidade surda e se submeteram a uma 'etnocêntrica ouvintista', tendo de imitá-los (STROBEL; PERLIN, 2006, p. 11)

Contudo, o cenário mudou, já que os usuários da Língua de Sinais persistiam em usá-la, embora reprimidos por parte da sociedade. A luta pelo uso da Língua de Sinais teve continuidade, até que em 24 de abril de 2002, a Libras foi oficialmente reconhecida como uma língua oficial no Brasil, por meio da Lei nº 10.436/2002, decretada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (BRASIL, 2002)

Três anos após a aprovação dessa lei, foi aprovado o Decreto Federal nº5.626 de 22 de dezembro de 2005, que tornaram a Educação Bilíngüe aos estudantes Surdos obrigatória. Assim, a Língua de Sinais Brasileira passa a ser a primeira língua do Surdo, ao passo que a Língua Portuguesa se tornou a segunda língua.

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005)

### **1.5. O curso de LSB-PSL**

A partir do avanço legislativo que chancelou a Língua de Sinais Brasileira como Língua de uso oficial de pessoas surdas, abriram-se portas para a criação de cursos de nível superior para a formação de docentes habilitados no ensino de Libras e ensino de Português como Segunda Língua. Por exemplo, o curso de Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua, que tem licenciado a partir do ano de 2015, docentes habilitados para esta área.

A proposta da criação do curso “Língua Brasileira de Sinais e Português como Segunda Língua” (LSB-PSL) começou na Universidade de Brasília após a decisão da Reitoria, vinda de uma reunião do colegiado em 2015. Um dos principais objetivos do curso LSB-PSL, é promover futuros profissionais para que sejam capacitados para atuarem em diversas instituições, seja na modalidade escrita, ou qualificada para atuar em diversas instituições de ensino público ou privado.

Este, até agora, é o único curso da UnB que tem acessibilidade para que professores surdos atuem na área, ele também conta com a disponibilização de

intérpretes ou guia-intérpretes em todos os cursos ou áreas da universidade. Logo, é possível dizer que o curso traz mais acessibilidade nas aulas, sendo elas traduzidas para Libras, para surdos, ou Português oral, para ouvintes. A metodologia do curso é respeitar o português escrito dos surdos, auxiliá-los a desenvolver sua escrita e melhorar o conhecimento na Libras, sejam os alunos surdos ou ouvintes, para que se tornem bons profissionais na área.

## **1.6 Metodologia**

Este trabalho tem sua base em referenciais com revisão bibliográfica, acerca dos desafios da Língua Portuguesa para os surdos, abordando também as dificuldades que circundam seu processo de ensino-aprendizagem. A finalidade é de expor as adversidades na educação para surdos, a fim de que esse tema possa ser discutido e mais estudado, para melhorar a situação do aprendizado dos surdos. As informações foram obtidas através de livros, *sites* e artigos. Os resultados das pesquisas serão tratados de maneira qualitativa, traduzindo os resultados em ideias e conceitos, que podem ser complementados por outros novos estudos com objetivo de aprimorar a educação para os surdos.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para desenvolver uma metodologia capaz de auxiliar os surdos no aprendizado da Língua Portuguesa, convém ressaltar aspectos importantes sobre a mesma, começando com sua origem. Segundo historiadores, a Língua Portuguesa tem suas raízes no Latim Vulgar, na Era Romana. Com a expansão do Império Romano, o Latim Vulgar foi levado para a Península Ibérica (atualmente, Portugal e Espanha) durante o século II a.C., porém foi implantado somente no século V d.C.

Na Península Ibérica, habitavam os povos bascos, celtas e gregos. Com a chegada do Latim, várias palavras oriundas desses povos foram introduzidas à essa língua originalmente romana. Posteriormente, durante os séculos VI a X, a língua não podia mais ser considerada Latim Vulgar, devido as inúmeras alterações na língua, passando então, a ser chamada Romance.

Durante esse período, vários povos invadiram a península, como os germânicos e, principalmente os árabes, contribuindo com o vocabulário da região. No século XI, o Português Galego passa a ser falado e, em meados do século XIII, houve uma transição para o Português Arcaico. O final do período Romance se dá na Reconquista, no século XV, com a expulsão dos árabes da Península Ibérica.

Em 1500, as primeiras caravelas portuguesas chegaram ao território brasileiro, dando início à história do Brasil. Algumas décadas posteriores à chegada os portugueses, houve a escravidão dos indígenas. Com o contato dos portugueses com os indígenas, os povos nativos, várias palavras indígenas foram introduzidas ao vocabulário português, como “arara”, “guará”, “jacaré”, “tucano” e muitas outras. É possível encontrar várias obras literárias que usufruem dessa mistura de idiomas que compõem o português do Brasil.

Meu xará, carioca da Tijuca, foi ao Pará surfar a pororoca, em um rio infestado de piranhas e jacarés. Nas margens, viu jaguares, quatis e capivaras. No céu, sobrevoavam araras, tucanos e urubus. Enquanto estava lá, bebeu suco de caju e de maracujá. Comeu pipoca, mandioca, carne de tatu e de paca. Visitou uma taba amazônica e foi cutucado por um curumim curioso. Dormiu em uma oca cheia de cupim e ficou com o corpo coberto de perebas. Foi atendido por um pajé. Depois de algum tempo, quando já estava na pindaíba, voltou para casa. (ABDALA, 2014)

No século seguinte, a mão de obra escrava passa a ser africana, não mais indígena, devido ao tráfico negreiro, do final do século XVII até a metade do século XIX, que consistia em trazer africanos para trabalharem no Brasil como escravos. Essa convivência de africanos com portugueses e indígenas, resultou na introdução de palavras africanas na Língua Portuguesa do Brasil, como “acarajé”, “bobó”, “caçula”, “cafuné”, “dengo”, entre outras.

Muitas outras palavras vieram de diversos idiomas diferentes, devido aos produtos estrangeiros consumidos pelos brasileiros e aos imigrantes que trouxeram parte da sua cultura para o Brasil. É possível citar vários exemplos de palavras usadas no cotidiano derivadas de outros idiomas, como batom, champanhe, garagem e maiô, do francês, *blitz*, chope, cobalto e níquel, do alemão, e diversas palavras do inglês, como *bacon*, *cupcake*, *delivery*, *internet*, *marketing*, *site*, entre outras.

## **2.2. ASPECTOS GERAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA**

A Língua Portuguesa é a quinta língua mais falada no mundo, sendo a mais utilizada em todo o hemisfério sul. Ao todo, nove países são usuários do idioma, sendo ele, o idioma materno de aproximadamente 250 milhões de pessoas. Os países de língua portuguesa também contribuem com grande rigor e criatividade para produção artística e cultural mundial. Para celebrar a identidade e a cultura da Língua Portuguesa, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a UNESCO, declararam dia 5 de maio, o Dia Internacional da Língua Portuguesa.

O português é considerado uma língua neolatina, assim como francês, italiano e outras línguas derivadas do Latim. Séculos após Portugal ter colonizado os oito países que hoje são falantes do idioma português, foi criada uma comunidade chamada de CPLP, Comunidade de Países de Língua Portuguesa. É de suma importância ressaltar que, mesmo que esses nove países utilizem a Língua Portuguesa, cada um deles têm sua estrutura gramatical e forma diferente de usá-la, principalmente na fala, com diversos sotaques e gírias de cada região.

Sabe-se então, que a língua é um instrumento de comunicação, sendo composta por regras gramaticais que possibilitam a reprodução de enunciados e frases por determinado grupo de falantes/sinalizastes, para que consigam se comunicar. O português pode assumir culturalmente duas normas: Língua coloquial e

a língua cultural. A primeira é similar a falar cotidiana, sem muitas regras, e pode ser representada em cartaz, fábula e *cartoon*. Já a segunda, segue as normas mais rígidas e são mais utilizadas na produção de textos para reportagem, redação e romance.

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria... (PESSOA, Fernando, séc. XX)

### **2.2.1. Reformas Ortográficas**

Na história da língua portuguesa, vários países que falavam a língua, tentaram diversas vezes, unificar mais a escrita do português. No século XX, várias reformas ortográficas foram colocadas em questão. A primeira delas foi em 1931, entre Brasil e Portugal. Contudo, pelo fato desse acordo não ser muito objetivo, culminou no formulário ortográfico de 1943. Dois anos depois, em 1945, outra tentativa de reforma ortográfica foi pautada. Todavia, esta não foi ratificada pelo Congresso Nacional, embora tenha se tornado uma lei em Portugal. Outros acordos entre Brasil e Portugal foram criados na década de 1970 até a metade da década de 1980, estes, portanto, tratavam, na maior parte, de alterações dos acentos gráficos.

Após tentativas não tão bem-sucedidas de reformas ortográficas entre Brasil e Portugal, outros países passaram a fazer parte dos acordos em 1988, quando foi elaborado o Anteprojeto de Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa. Este, por sua vez, culminou no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em 1990, sendo assinado em Lisboa por representantes dos países: Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. O país Timor-Leste, também falante da língua portuguesa, somente aderiu ao acordo em 2004, após sua independência.

Houve também, uma reforma ortográfica no Brasil, a partir do decreto nº 6.583 de 29 de setembro de 2008, que entrou em vigor em primeiro de janeiro de 2009. Com essa reforma, a língua portuguesa sofreu algumas alterações, como o fim do trema (exceto para nomes próprios estrangeiros ou derivados, como Müller por exemplo),



inclusão das letras k, w e y ao idioma, novas regras de acentuação e para o uso do hífen e, por fim, a supressão de consoantes mudas.

Art. 1º O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, entre os Governos da República de Angola, da República Federativa do Brasil, da República de Cabo Verde, da República de Guiné-Bissau, da República de Moçambique, da República Portuguesa e da República Democrática de São Tomé e Príncipe, de 16 de dezembro de 1990, apenso por cópia ao presente Decreto, será executado e cumprido tão inteiramente como nele se contém.

Art. 2º O referido Acordo produzirá efeitos somente a partir de 1o de janeiro de 2009.

Parágrafo único. A implementação do Acordo obedecerá ao período de transição de 1o de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida.

Art. 3º São sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo, assim como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do art. 49, inciso I, da Constituição, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. (BRASIL, 2008)

Sendo assim, o acordo entrou em vigor em primeiro de janeiro de 2009. O Brasil, então, passou por um período de transição de quatro anos para que a reforma fosse completamente implementada, ou seja, em 31 de dezembro de 2012. Nesse período, foram aceitas as duas ortografias, com exceção dos livros didáticos que, a partir de 2010, deveriam estar adaptados ao novo acordo ortográfico.

Um dos objetivos dessa reforma, segundo o Ministério da Educação (MEC), era favorecer o processo de intercâmbio entre os países e ampliar a divulgação do idioma e da literatura em língua portuguesa. Outros acordos já tentaram estabelecer normas comuns para a ortografia do idioma, porém fracassaram em suas metas. Esses acordos sempre tiveram a finalidade de unificar o registro escrito dos nove países que falam português.

Todavia, a Língua Portuguesa é considerada uma língua difícil de se aprender. Isso é perceptível, tendo em vista a quantidade de regras gramaticais presentes em sua estrutura, além das inúmeras exceções a essas regras. E devido a sua complexidade, muitos apresentam dificuldades ao escrever ou falar, sendo nativos de um país de língua portuguesa ou não.

### 2.3. DIFICULDADES DE SE LIDAR COM A GRAMÁTICA

A língua portuguesa, portanto, não é uma língua fácil, devido aos aspectos anteriormente citados. Por mais que muitos usuários tenham dificuldade de escrever ou falar o idioma e, vez ou outra, apresentem erros ortográficos, eles, em sua grande maioria, se comunicam de forma inteligível, sem que haja uma grande perda no contexto das frases formadas, possibilitando um diálogo acessível a muitos.

Trazendo isso para uma análise do cenário no Brasil, muitos brasileiros afirmam que o português é uma das línguas mais difíceis. Embora os especialistas discordem da forma negativa como o português é visto, é inegável que as exceções, irregularidades, regências e conjugações costumam desmotivar o aprendizado de quem estuda a língua.

Contudo, grande parte da população brasileira não evolui no português devido à falta do uso do dicionário e também, à falta de estudo da própria língua. Por isso, continuam estagnados em seus delitos ortográficos. Às vezes, uma pesquisa rápida no *Google* ou no dicionário, preferivelmente, pode sanar muitas dúvidas sobre a escrita e fala.

A consulta ao dicionário é o percurso a ser feito para eliminação de erros de propriedade vocabular. Chafe (1979, p. 107) afirma que 'as unidades lexicais têm várias propriedades que as distinguem de unidades semânticas de outros tipos'. Assim, cabe ao usuário da língua dominar essas propriedades. (DIAS, 2019, p.156)

Logo, é possível afirmar que é muito comum indivíduos cometerem erros ortográficos na língua portuguesa, pelo simples fato de não terem o hábito de leitura e escrita. A maioria dos não-surdos, ou ouvintes, escrevem errado pelo desconhecimento da língua e por terem a audição como referência para a escrita, que pode enganá-los na ortografia e até mesmo nas conjugações de verbos irregulares. Ter a audição como referência para a escrita somado à falta de leitura e estudo, resulta em diversos erros ortográficos.

Tendo isso em vista, é possível mapear os erros ortográficos mais comuns nos usuários da língua portuguesa. Abaixo, estão os três erros mais comuns no português e sua aplicação de maneira correta:

**Mau ou mal;**

“Mau” é um adjetivo, usado para se referir a alguém que faz maldades ou a algo que não é de boa qualidade. Uma dica é lembrar que “mau” é o contrário de “bom”.

Ex.1: Hoje estou de mau humor.

Ex.2: Aquele homem é mau.

“Mal” pode ser um advérbio, substantivo ou conjunção. “Mal” é o contrário de “bem”.

Ex.1: Estou passando mal.

Ex.2: Pare de falar mal das pessoas!

**Mais ou mas;**

“Mais” traz ideia de uma quantidade ou intensidade maior.

Ex.1: Você é o garoto mais bonito da sala!

Ex.2: Não faço mais nada por você!

“Mas” indica uma ideia de oposição. É sinônimo de “porém”, “contudo”, “todavia”, entre outros conectivos de oposição.

Ex.1: Ele é bom em matemática, mas precisa melhorar sua nota em português.

**Traz ou trás;**

“Traz” vem do verbo trazer, conjugado na 3ª pessoa do singular. Tem sentido de transportar algo.

Ex.1: Traz aquela Coca-Cola para mim, por favor!

Ex.2: Ele sempre traz aquele violão para a aula.

“Trás”, por sua vez, é um advérbio de lugar, indicando assim, uma posição.

Ex.1: Não olhe para trás!

Ex.2: De trás para frente.

Há inúmeros exemplos de outros erros ortográficos cometidos cotidianamente por grande parcela da população brasileira. O objetivo não é desprezar os que erram, mas sim, mostrar que é necessário expor os erros para que eles possam ser corrigidos, tendo sempre em vista, a evolução do vocabulário do indivíduo. O método mais eficiente para evitar esses desvios e corrigi-los quando os comete, é o hábito da leitura e a prática da escrita. O hábito da leitura será abordado nas páginas seguintes.

Logo, é necessário ter atenção à maneira que se escreve, a fim de evitar erros, não só de ortografia, mas também, de coesão.

## **2.4. A VANTAGEM DO SURDO QUE É MAL APROVEITADA**

Como já dito anteriormente, a maioria dos erros na escrita dos ouvintes, se dá pelo motivo de terem a audição como referência para sua escrita, e não a leitura. É possível afirmar que, nesse aspecto, os surdos têm vantagem, já que não possuem a audição para tê-la com referência, em vez disso, seu aprendizado é baseado na visão, que no caso dos surdos, é muito mais desenvolvida e detalhista que a dos ouvintes.

Isso faz com que o surdo tenha uma vantagem no aprendizado em geral, em relação ao ouvinte, incluindo o aprendizado de uma língua. Contudo, essa vantagem é mal aproveitada, e isso é perceptível quando analisamos a pequena evolução que os surdos apresentam em seu aprendizado da segunda língua. O surdo, com sua capacidade de aprendizagem, poderia escrever muito melhor do que escreve atualmente. Isso se dá por diversos fatores que fazem com que essa vantagem seja suprimida, entre eles, estão:

### **2.4.1. O português como segunda língua**

O método utilizado para que os surdos aprendam a língua portuguesa, diverge da maneira que os ouvintes aprendem, tendo adaptações para que possam aprender de uma maneira melhor. Uma das adaptações é o uso de imagens relacionadas ao texto, para melhor compreensão, tendo em vista o fato de que a visão é o principal fator para a aprendizagem.

Esse método divide a língua materna e a segunda língua do surdo. Sendo assim, a língua materna, a Libras (L1) e a segunda língua, o português escrito (L2).

A importância da Libras na educação dos surdos, é imprescindível pois ela subsidiará o processo de ensino da L2 na modalidade escrita, conforme garantido (BRASIL, 2002). Além disso, por intermédio da linguagem e da interação com outros, é possível construir uma identidade e se desenvolver noutros sentidos, refletindo uma visão particular do mundo, própria de cada cultura. (SILVA, Reginaldo; MONTEIRO, Simone, 2018, p.3).

Sendo assim, é possível afirmar que o surdo aprende a Língua Portuguesa como se fosse um estrangeiro, aprendendo um novo idioma. Por isso, é quase

impossível um surdo escrever o português como um ouvinte, já que o ouvinte tem a língua portuguesa como primeira língua, e o surdo, a tem como segunda língua.

Todavia, é possível melhorar muito mais a escrita do surdo, pois embora ele tenha o português como segunda língua, ele tem uma vantagem no seu aprendizado em relação ao ouvinte, que é a visão, e isso faz com que ele tenha o potencial de apresentar resultados muito melhores em seu aprendizado da Língua Portuguesa. Contudo, esse potencial que poderia ser aproveitado, é suprimido pelas razões a seguir:

#### **2.4.2. O medo da escrita e sua falta de prática**

É muito comum os surdos terem medo de escrever, fazendo com que eles não pratiquem a escrita de maneira frequente, e isso se deve por vários motivos, sendo assim, compreensível terem esse sentimento. Todavia, a falta da prática da escrita é algo negativo para o aprendizado, já que a prática é diretamente proporcional ao mesmo. Portanto, é de suma importância combater esse medo, mas primeiro, é preciso saber sua origem para assim, poder solucionar esse conflito interno em cada pessoa surda, de uma maneira mais eficaz.

O medo de escrever dos surdos vem do bloqueio emocional, que está relacionado ao medo de serem julgados pela maneira que escrevem. O fato de não conseguirem escrever como um ouvinte, nos aspectos de escrever palavras complexas, usar a acentuação corretamente, ou saber conjugar o verbo em seu devido tempo verbal, faz com que eles fiquem tensos e evitem ao máximo escrever.

Isso se torna algo psicologicamente ruim, pois eles passam a pensar mais no que os outros vão achar de sua escrita, do que como transmitir a mensagem de maneira compreensível. Às vezes algumas palavras de uma frase podem estar erradas, mas o contexto é explícito. Em vez de se preocuparem com o que os outros irão achar de sua escrita, deveriam se preocupar com o contexto estar inteligível. Estando a essência da mensagem nítida, não há o que se preocupar. As palavras erradas serão corrigidas com a constante prática e aprendizado do próprio indivíduo, aprimorando assim, sua habilidade de escrever.

Levando isso para o contexto acadêmico, é ainda mais perceptível a necessidade de superar o medo de escrever, tendo em vista o extenso conteúdo exigido na universidade. Lá, não só é exigido a leitura de diversos livros e artigos, mas

também, a capacidade de compreensão desses textos, além disso, a produção de textos é intensa, fazendo com que a escrita seja amplamente utilizada. Isso pode ser utilizado como uma ferramenta para aprimorar a escrita dos surdos, já que a prática da escrita é intensa, todavia, o fato de muitos textos acadêmicos estarem em Português L1, faz com que os surdos não compreendam boa parte dos textos, pois o vocabulário do surdo é restrito, pois eles sempre aprenderam o Português de uma maneira adaptada para eles, o Português como Segunda Língua (Português L2 ou PSL), fazendo com que os surdos tenham seu aprendizado afetado.

De fato, é necessário aprender um vocabulário mais sofisticado, é necessário também, aprender as palavras e estruturas do Português L1, afinal, a grande maioria dos textos, livros, artigos cartazes e outros, são escritos com o Português L1, Contudo, a forma que os professores universitários introduzem o PL1 aos surdos é, muitas vezes, incompreensível. Isso fica evidente quando os estudantes não conseguem acompanhar o conteúdo, assim sendo, o conhecimento que poderia ser adquirido sem muito pesar, passa a ser desmotivador, tornando-o um monstro na mente do indivíduo, causando assim, bloqueios na escrita.

Fazer parte do universo acadêmico implica tomar para si formas de produzir conhecimento e de falar e escrever sobre ele valorizadas na esfera da academia. [...] o fato é que a principal forma de apresentação do conhecimento científico é o texto escrito (artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses, livros e outros mais) – já de início deixemos claro o lugar central que a linguagem escrita ocupa nas atividades próprias do universo acadêmico – e a universidade é uma das esferas de atividade mais rigorosas quando aos textos que aí são escritos e circulam. Prova desse rigor é a quantidade de regras e convenções estabelecidas para orientar e normatizar a produção e apresentação de textos de ciência. Diante desse quadro, podemos considerar que escrever textos adequados às tradições acadêmicas é uma tarefa importante, da qual dependem, em boa medida, as possibilidades de sermos investidos/as no exercício da interlocução acadêmica, ou seja, de sermos reconhecidos/as como autores/as e leitores/as dos textos da ciência. (DIAS, 2019, p.286)

Tendo isso em vista, a superação do medo da escrita e o domínio do português são imprescindíveis para se fazer um bom curso universitário, já que existem diversas regras para se produzir um texto acadêmico. Aplicando o conteúdo de forma correta, é possível aprender e absorvê-lo quase que em sua totalidade.

Voltando para um contexto mais geral, é necessário também, desconstruir a ideia de que a escrita do ouvinte é perfeita. Assim como os surdos, alguns ouvintes escrevem melhor que outros, mas é impossível encontrar um ouvinte cuja escrita seja

perfeita. Até os ouvintes erram em sua gramática. Muitos deles conjugam verbos de maneira equivocada, confundem frequentemente a forma de escrever palavras com “s”, “ss”, “sc”, “ç” ou “x”. É comum um ouvinte perguntar a outros a maneira correta de se escrever uma palavra. Isso acontece, pois a audição às vezes os engana na hora de escrever, já que a maneira que se ouve não necessariamente é a maneira exata de escrever.

Ou seja, tanto os ouvintes quanto os surdos erram na escrita, e é necessário compreender que todos estão em um processo de aprendizado, por essa razão, os surdos não precisam ter medo de serem julgados pela sua escrita, pelo contrário, eles devem praticá-la ainda mais, tendo em vista melhorar sua ortografia. Pensando dessa forma, é possível suprimir o medo de escrever dos surdos, motivando-os a praticar mais, fazendo com que sua escrita melhore cada vez mais.

### **2.4.3. O sistema educacional brasileiro**

O sistema educacional brasileiro de ensino, está voltado para a memorização dos conteúdos didáticos. Entretanto, esse sistema, embora não seja sua finalidade, estimula o estudante a decorar o conteúdo apenas para passar nas avaliações, e não a aprender de fato, adquirindo o conhecimento para posteriormente, usar em seu cotidiano.

Decorar o conteúdo não é a melhor maneira de se estudar, pois só trabalha a concentração e a memorização, deixando o estudante ansioso ao fazer a avaliação. Isso faz com que, muitos dos aprendizados, não sejam mais úteis depois da avaliação. Ou seja, estudaram apenas para serem aprovados.

O que esses materiais indicam é que os alunos não têm aprofundamento em nenhuma área. O que estamos propondo com a reforma do ensino médio é garantir uma base curricular nacional comum, que vai melhorar a qualidade do conjunto do sistema de ensino fundamental e médio, além do aprofundamento nas áreas e estudo para que o aluno possa continuar sua formação geral e aprender mais”, diz Maria Helena. Quando o assunto é avaliação educacional, o Pisa é uma referência mundial. (SANTOS, Bárbara; RIBEIRO, Marcelo, 2016)

Sendo assim, isso torna nítida a razão pela qual a educação no Brasil tem sido uma das últimas no ranking mundial. Segundo a revista exame: o Brasil está entre os piores em ranking mundial de educação, o país está em 65º lugar entre 70 nações

avaliadas em matemática pelo PISA em 2015. Em ciência, Brasil ficou entre os oitos piores.

Na edição de 2018, a pesquisa analisou 79 países, incluindo o Brasil (...) Divulgados no quarto trimestre de 2019, os resultados não são muito animadores para o Brasil: entre 58º e 60º lugar em leitura, entre 66º e 68º em ciências e entre 72º e 74º em matemática. A variação existe por conta margem de erro adotada pela pesquisa. Esses números foram formados a partir da avaliação em instituições de ensino públicas e particulares. Comparando texto sobre a om a edição de 2014, o desempenho dos estudantes brasileiros teve um pequeno crescimento. A nota de escolas particulares de elite do Brasil colocaria o país na 5ª posição do ranking mundial de leitura do PISA. Já o resultado isolado de escolas públicas estaria 60 posições abaixo, na 65º entre 79 países. (LYCEUM, 2019)

É perceptível o cenário caótico da educação brasileira. Ainda sobre o fato de os alunos decorarem o conteúdo, muitos alunos saem do ensino médio e, posteriormente, esquecem o conteúdo, já que as avaliações passaram, assim, eles perdem boa parte do conteúdo que era para ser aprendido para ser usado no cotidiano, e não decorado para fins avaliativos. Assim, saem da escola despreparados para as universidades. Uma pesquisa do movimento “Todos Pela Educação”, mostra uma previsão da educação brasileira para o ano de 2029, afirmando que 70% dos alunos podem terminar a escola sem aprender português, colocando em evidência a deficiência do sistema educacional brasileiro.

Em 2029, 7 em cada 10 alunos podem terminar o Ensino Médio sem conhecimento básico em português, e apenas 2% dos alunos devem terminar o Ensino Médio dominando o que é esperado em matemática, segundo cálculo feito pelo movimento Todos Pela Educação. O movimento também estima que, em 2020, apenas 48% das crianças terminarão o 3º ano do Ensino Fundamental alfabetizadas. As projeções foram feitas com base nos dados de aprendizagem do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). Além disso, projeções baseadas em dados da Pesquisa nacional por amostra de domicílio (Pnad/IBGE) mostram que 24% dos estudantes podem não completar a Educação Básica até os 19 anos. (ALVES, Isabela, 2018)

Trazendo para o contexto de educação para os surdos, é possível afirmar que isso também afeta seu aprendizado, já que os alunos surdos também se utilizam do mesmo método, decorar para passar nas avaliações. Outrossim, outro problema que há na educação dos surdos, mas é pouco comentado, é o fato de muitos professores aprovarem os surdos nas avaliações, mesmo não tendo o conhecimento da matéria, fazendo com que não tenham uma boa base no ensino básico. Futuramente, esses



alunos entram no ensino superior sem ter o mínimo de entendimento sobre o vocabulário acadêmico. Sendo assim, os professores do curso acadêmico acabam tendo que explicar o conteúdo que era para ser aprendido no ensino fundamental ou médio.

Isso é um tipo de assistência que é prejudicial para a formação do aluno surdo. Por mais que as intenções sejam boas, isso afeta diretamente vida acadêmica dos indivíduos surdos que foram aprovados sem terem adquirido o conhecimento necessário para sua formação.

A escola precisa sentir-se comprometida com a reconstrução histórica dos surdos, redefinindo as novas tendências educacionais, aberta à produção de fatos culturais, projetados pela comunidade surda. Ainda não há consenso acerca das potencialidades educacionais dos surdos entre os educadores do ensino fundamental. A Libras apesar de gradativamente estar assumindo maior espaço fora da comunidade surda, não tem recebido a devida importância e o merecido valor junto ao trabalho educacional, como instrumento mediador do conteúdo escolar. (ZYCH, Anizia, 2003, p. 125)

A educação para os surdos vai muito além de uma base curricular ou de método de ensino. Pois cada estudante surdo tem um jeito de adquirir o conhecimento, aprender a ter o hábito da leitura e da escrita. O aprendizado dos surdos vem da Libras e do contexto como explica os detalhes, para que funciona, como é utilizado. Sempre explicando de maneira visual, dinâmica e utilização de cores para que os surdos tenham maior flexibilidade no aprendizado.

Fernandes (2003), o aprendizado da escrita do surdo pelo surdo é dificultado, devido às metodologias de ensino partirem do ponto de que a escrita inicialmente se dá pela associação grafema-fonema e, muitas vezes, ser ensinada de forma descontextualizada e mecânica. Essa mentalidade torna difícil a criação de uma proposta mais efetiva para o ensino da língua portuguesa escrita, ficando o surdo restrito ao pouco desenvolvimento em relação à sua grande potencial para a escrita. (FERNANDES, Eliane, 2008, p. 81)

#### **2.4.4. A falta do hábito da leitura**

A falta do hábito da leitura circunda o cotidiano de muitos brasileiros. A falta de ler livros é prejudicial, já que deixam a capacidade de interpretar textos mais complexos e o aprendizado estagnados. Em uma pesquisa de 2018, foi feita uma análise de quantos livros por ano, os brasileiros leem em média, e o resultado, foi decepcionante.

Alguns anos atrás, tínhamos a informação de que o brasileiro lia em média 4 livros por ano, mas segundo estudo desenvolvido pelo Instituto Pró-Livro o brasileiro lê em média 2,43 livros por ano. Indo mais além, chega-se a um número preocupante: 30% da população nunca comprou um livro sequer na vida. Existem diversos fatores que podem contribuir para isso, tais como desigualdade social, analfabetismo, falta de estrutura educacional e familiar. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2017 havia cerca de 11,8 milhões de pessoas que não sabiam ler no Brasil. (SANTOS, Thai, 2020)

Com isso, fica evidente o fato de que muitos usuários da língua portuguesa não possuem a prática da leitura, e com isso, se acostumam a escrever errado, ou não ampliam seu vocabulário no português, resultando em um vocabulário extremamente limitado. Todavia, o hábito da leitura proporciona diversos benefícios. Alguns deles são a diversificação do vocabulário do leitor, a melhora na capacidade de interpretar de textos e a aquisição de um repertório cultural mais amplo.

Logo, é perceptível que o hábito da leitura proporciona vários benefícios para os leitores. Trazendo isso para o contexto dos surdos, é possível fazer uma analogia de alguém que vai aprender uma língua estrangeira (não é à toa que ensinam português para o surdo como segunda língua). Quanto mais contato o indivíduo tem com uma língua, mais ele aprenderá. Por meio da leitura de livros, revistas ou artigos no idioma que o indivíduo estuda, ele passa a ter um contato mais íntimo com a língua, sendo exposto às suas estruturas gramaticais, além de adquirir um pouco da cultura que o idioma, do respectivo país, o proporciona.

Tendo isso em vista, é necessário compreender que, se um surdo deseja aprender ou melhorar o seu português, ele deve ter o hábito da leitura. Mesmo que sua leitura ainda não esteja bem desenvolvida, é necessário que ele tenha esse contato mais íntimo com a língua através da leitura. Com o tempo, desenvolver-se-á sua habilidade de ler e escrever, além de adquirir um bom repertório sociocultural.

No âmbito da educação e do ensino, práticas sociais envolvendo a leitura são o eixo norteador da aprendizagem. Ao proporcionar reflexões sobre os modos interativos de leitura, redirecionamos conceitos sobre a língua e linguagem e sobre textos. Pela análise de atividades de leitura, percebemos com facilidade que usamos a linguagem para mais do que a mera comunicação ou transmissão de informações. Na interação entre leitor/autor e sentidos do texto, fatos linguísticos imbricam-se em fatos discursivos e sociais. Nos objetivos de aprender e ensinar sobre a língua e a linguagem, o reconhecimento dessa imbricação não apenas amplia o foco dos planejamentos e currículos, como também aprofunda a reflexão sobre os modos como nos valem da linguagem para organizar a própria atividade dos grupos sociais. (BAZERMAN, Charles, 2005)

Pela falta do hábito não só da leitura, mas também, da escrita, muitas vezes o fato de ouvir e tentar escrever da mesma forma, pode gerar confusão nos indivíduos. Isso é devido ao fato de o idioma possuir palavras muito parecidas com mínimo de mudança, seja em suas letras ou em sua acentuação. Todavia, confundir a forma que escreve certas palavras, pode fazer uma grande diferença no contexto da frase em um diálogo. O aprendizado da leitura e escrita é diretamente proporcional à sua prática, ou seja, quanto mais o indivíduo lê e escreve, melhor será sua escrita, já que esta, quanto mais praticada, mais palavras serão corrigidas e escritas de maneira correta e coesa.

O processo de leitura implicada (ideal ou coerente) está relacionado com a construção da coerência com um encontro entre as suposições e conexões dos produtores e dos leitores. Ademais, os textos estabelecem posições interpretativas ou posições de sujeitos a partir das quais os leitores ligam sua memória discursivas, sua bagagem cultural para desvendar as cadeias intertextuais, compartilhar suposições e, finalmente, fazer leituras coerentes. (STEPENS, 1997, p.58)

De fato, a maneira que cada pessoa escreve, demonstra o quanto ela lê ou o quão bem sabe expressar uma ideia. Por exemplo, em uma folha de papel em branco, muitas vezes travamos na hora de escrever ou expressar a ideia, não só pelo medo que muitos têm de escrever, que já foi abordado nas páginas anteriores, mas também, pelo simples fato de não termos vocabulário ou não termos acesso a um léxico de informação ou contexto. Algumas palavras soltas ou repetidas surgem de maneira mais frequente devido à falta de leitura.

Em suma, é possível afirmar que para a constante evolução, não somente do indivíduo surdo, como também do ouvinte, a prática da leitura é indispensável, já que a mesma é responsável pelo aprendizado de palavras e estruturas verbais novas. Torna-se necessário largar a procrastinação para que a leitura de livros diversos se torne um hábito. Somente dessa maneira o indivíduo poderá ter uma evolução significativa em sua escrita, seguido de uma expansão em seu vocabulário e o enriquecimento de sua bagagem cultural.

## **2.5. A SAÍDA PARA OS PROBLEMAS PRESENTES NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

São perceptíveis as inúmeras falhas presentes na área da educação dos surdos, principalmente no que tange o ensino acadêmico. Todavia, não será feita a abordagem de todas elas, até porque seria impossível abordá-las em sua totalidade, muito menos solucioná-las neste trabalho. Portanto, foram selecionadas as principais falhas na educação acadêmica dos surdos, e com base em todas as pesquisas e citações utilizadas, foram criadas sugestões para solucionar ou pelo menos amenizar alguns dos vários problemas existentes nesse meio, problemas esses que já foram citados anteriormente.

Infelizmente, não é possível resolver o problema de todo sistema educacional com uma simples teoria desenvolvida com base nas pesquisas feitas. Entretanto, é possível que essas sugestões de mudanças possam ser desenvolvidas futuramente, sendo elas aprimoradas e, quiçá, tornem-se base para um estudo com intuito de sanar essas falhas, visando ao aprimoramento do sistema educacional brasileiro.

### **2.5.1 O método “conteudista” do sistema educacional do Brasil**

A primeira e grande lacuna que há no sistema educacional em geral, que de certo modo acaba afetando os surdos também, é o método “conteudista” de ensino. Já abordado previamente, esse descuido educacional, na qual o aluno estuda para memorizar o conteúdo apenas para ser aprovado, acontece devido a exigência do órgão educacional pelo conhecimento de diversas disciplinas por parte do estudante, e, por essa razão, é considerado um método “conteudista” de ensino.

Contudo, é notável o fracasso que esse método apresenta, e para comprovar este fracasso, pergunte a qualquer aluno o que ele estudou há dois meses e ele não se lembrará de metade do conteúdo aplicado em sala de aula. Outros exemplos de como esse método deixa a aprendizagem do estudante em ruínas, já foram citados anteriormente. Isso é um problema tão grave que não prejudica apenas os ouvintes, mas também, impacta diretamente no aprendizado dos surdos.

Uma das alternativas que talvez possa amenizar o problema é melhorar a didática, criando um diálogo sobre o conteúdo e mostrar as formas de como aplicar na prática, isto é, cabe ao órgão educacional mudar a didática do conteúdo, com

materiais mais aprofundados em sua aplicação prática, não apenas teórica. Cabe também ao professor melhorar a dinâmica da aula, interagindo com os alunos de maneira mais natural.

Os professores, por seu lado, têm um papel importante na medida em que auxiliam seu aluno a crescer, dando-lhe pequenas responsabilidades, ensinando-o a lidar com as regras e não se deixando “envolver” nas pequenas artimanhas que apresenta para fugir do que é esperado dele. (SISTO, Fermio Fernandes, 2012, p. 83)

De fato, para o estudante não decorar o conteúdo, é necessário que ele não seja estimulado a estudar apenas para ser aprovado, e para isso, é preciso também melhorar os métodos de avaliação também. A razão para isso é que por mais que o aluno tenha estudado e aprendido o conteúdo, muitas vezes, diante de uma prova, ele fica tenso, às vezes até apresenta um bloqueio emocional e acaba esquecendo o conteúdo. Essa é uma das maiores lacunas a ser resolvida no método de ensino brasileiro.

### **2.5.2 A aprovação de alunos surdos não capacitados por meio de professores**

Outro fator, que afeta mais especificamente a área da educação dos surdos, é a aprovação de alunos surdos sem terem adquirido o conhecimento. Muitos alunos surdos não têm o conhecimento básico do Português Escrito, entretanto, são frequentemente aprovados pelos professores, simplesmente pelo fato de serem surdos. Isso acontece frequentemente, principalmente na educação inclusiva, onde muitos confundem o que de fato é inclusão.

Por mais que eles não percebam, os professores, quando aprovam alguns alunos surdos sem eles terem o conhecimento necessário, aprovando-os simplesmente por serem surdos, em nome da “inclusão”, os alunos surdos serão extremamente prejudicados no futuro. Portanto, inclusão não é aprovar os alunos surdos simplesmente por serem surdos ou ter intérpretes nas salas de aula, a verdadeira inclusão é fazer com que os alunos surdos verdadeiramente aprendam o conteúdo, para então serem aprovados.

Os prejuízos podem não ser notados no primeiro olhar, porém, ao longo do tempo, essa aprovação sem o aluno estar capacitado, seja por “dó” do surdo, ou seja pela militância em nome da “inclusão”, faz com que o aluno dependa ainda mais do professor para que ele o aprove, continuando sem conhecimento e ainda mais

desmotivado a estudar, não levando os estudos a sério, já que os professores relevam quase tudo.

E quando o aluno chega na universidade, ele não tem a menor estrutura para estudar os conteúdos da área acadêmica, tendo pouco conhecimento do vocabulário acadêmico. Após a universidade fazer o mesmo que a escola fazia com os alunos surdos, eles formam, muitas vezes, profissionais sem ter o conhecimento, não só da língua portuguesa, mas de todo conteúdo aplicado em sala de aula, prejudicando-os até mesmo no mercado de trabalho, pela má formação e pouco saber. É preciso refletir sobre o tipo de profissional surdo que as instituições de ensino têm formado.

Portanto, fazer com que os surdos sejam verdadeiramente inclusos na sala de aula, é extremamente importante para formação acadêmica e profissional. Isso não vem de professores aprovando alunos surdos que não tenham aprendido o conteúdo, mas sim, do professor ajudando os alunos surdos, para que entendam a matéria e aprendam a ser independentes do próprio professor.

### **2.5.3 A falta de materiais adaptados para Português L2**

A respeito das falhas presentes no sistema de educação dos surdos, há uma falha que, assim como a anterior, prejudica especificamente os surdos, pois se trata de uma má adaptação para o ensino dos surdos no tocante ao material didático. Certamente, o ensino dos alunos surdos deve ser adaptado, já que, devido à surdez dos indivíduos, não apresentariam o mesmo rendimento no método tradicional de educação. Por esta razão, é imprescindível que a educação dos surdos seja adaptada.

O problema é que muitos materiais didáticos não são adaptados para a compreensão dos surdos, uma vez que não há tantos livros didáticos adaptados para Português L2. Muitas vezes, os próprios professores se desdobram para fazer com que esses materiais sejam compreensíveis para um surdo, o que demanda tempo, energia e muito esforço por parte do educador, que não seriam necessários, caso o material fosse compreensível para a demanda. Entretanto, a maioria dos materiais está em Português L1, contendo vocabulários e contextos mais complexos, que, nitidamente, não foram voltados para a aprendizagem dos surdos, causando assim, um desconforto tanto por parte do professor, que precisará de um esforço enorme para adaptar o material, quanto para o aluno surdo, que diversas vezes, apresenta dificuldade na compreensão do conteúdo. Portanto, é necessário que haja uma

adaptação melhor para os materiais didáticos de ensino para alunos surdos, não apenas com o uso de imagens, mas com contextos e vocabulários mais simplificados com base no Português L2.

Contudo, é necessário que os surdos aprendam também, a ler e compreender o Português L1, pois quase todos os textos presentes na sociedade brasileira, sejam eles anúncios, regras, licenças, leis ou manuais instrutivos, são escritos por ouvintes brasileiros. Logo, para os surdos terem uma melhor compreensão do que estão lendo e terem mais facilidades na vida, como terem um acesso mais amplo à sociedade pelo fato de entenderem melhor o que leram, é preciso ensiná-los tanto o Português L2 quanto o L1, para enxergar a diferença entre os dois e saber que nem tudo na sociedade é adaptado.

Em suma, é visível a deficiência no ensino para os surdos no que tange o material didático. Portanto, a adaptação dos livros e demais materiais pedagógicos para o Português L2 é imprescindível, a fim de que os alunos surdos tenham um aprendizado melhor. Também, a introdução ao Português L1 deve ser feita de uma maneira diferente, e não forçada, como a maioria das instituições de ensino fazem, causando bloqueios na escrita e na compreensão dos indivíduos surdos, mas sim, deve ser dinâmica, compreensível e ter aplicações práticas, para que os surdos possam absorver ao máximo o conteúdo.

### **3. CONCLUSÃO**

Após todas as informações transmitidas nas páginas anteriores, é preciso analisar a possibilidade de aplicação das ideias expostas previamente. Uma das áreas onde essas ideias podem ser aplicadas, é na educação de alunos surdos, no que tange a matéria de Língua Portuguesa, onde é necessário que, não só o material didático seja melhorado, mas também, a dinâmica da aula e o conteúdo em si, para que o aluno surdo saiba diferenciar o Português L1 do Português L2, e que de fato, seu conhecimento na língua portuguesa, possa evoluir, reforçando o hábito da leitura, expandindo seu vocabulário e, por consequência, aumentar o glossário de sinais na área da Libras.

A aplicação deste trabalho não se dá apenas no ambiente acadêmico, pois os princípios nele trazidos, tratam, não só do ensino dos surdos nas universidades, mas também, nas demais áreas da educação voltadas para os surdos, apontando não somente os erros na área educativa, mas sim, trazendo sugestões de melhoria, para que os alunos surdos tenham melhor rendimento na aula. Portanto, determinadas ideias podem ser aplicadas do ensino básico ao ensino acadêmico.

Neste trabalho, foi apresentada uma visão que muitos estudantes, principalmente os estudantes surdos (incluindo a autora deste trabalho), têm do sistema educacional e da dificuldade de se lidar com a gramática portuguesa (principalmente quando esta é ensinada por meio de instituições educacionais). A exposição dessa visão traz uma nova noção na área da educação dos surdos, a respeito de suas falhas e do que pode ser melhorado. Devido às diversas aplicações que este trabalho apresenta, há a possibilidade da criação de novos estudos a respeito do sistema educacional, principalmente, no tocante ao aprendizado do surdo.

É preferível que os estudos a respeito do que foi dito neste trabalho, tenham o objetivo de encontrar essas falhas imersas no meio educacional, descobrir o motivo pela qual elas estão presentes nesse meio, e o mais importante, elaborar soluções a esses problemas, visando à melhoria das diversas áreas do aprendizado, com o foco no aprendizado dos surdos. Caso esses estudos encontrem respostas para as deficiências presentes no ensino de alunos surdos e não-surdos, há um grande potencial para mudar o cenário da educação brasileira, a fim de que os alunos obtenham melhor rendimento em sala de aula.



Todavia, é necessário informar que este trabalho possui suas limitações. Em relação ao seu conteúdo, é possível dizer que ele é baseado na percepção de uma estudante surda a respeito do sistema educacional, percepção esta que foi aprimorada ao longo do tempo, devido a busca recorrente por informações. Mas também, é preciso salientar que não foram feitas entrevistas, tampouco a autoria das pesquisas citadas foi de alguma figura do Ministério da Educação. Entretanto, foram pesquisas relevantes, tanto para a criação do debate sobre a educação de alunos surdos e não-surdos no Brasil, quanto para o aprendizado do surdo em relação à gramática da língua portuguesa.

Diante do tema “Os desafios da Língua Portuguesa para os surdos”, este trabalho expõe uma abordagem das dificuldades presentes no processo de aprendizagem de alunos surdos, especificamente em relação ao ensino da Língua Portuguesa, tratando, não só dos motivos pela qual os surdos têm o rendimento prejudicado quanto ao coeficiente de retenção do aprendizado de Português, como também, de possíveis sugestões para melhorar esse cenário caótico que é a educação brasileira. O trabalho trouxe também, diversas pesquisas bibliográficas, assim como pesquisas retiradas de *sítes* confiáveis a respeito da educação de modo em geral, entretanto, com enfoque na educação dos surdos.

Em suma, é possível concluir que este trabalho, apesar de suas limitações quanto ao conteúdo e argumentos de autoridade, pode ser útil tanto para a educação dos ouvintes quanto para a educação dos surdos principalmente, caso leve ao surgimento novos estudos a respeito das falhas presentes em seus métodos didáticos, para que possam melhorar os métodos de ensino. É, portanto, um trabalho que pode ser complementado por novos estudos, sendo eles focados em solucionar as dificuldades presentes no ensino como um todo.

#### 4. REFERÊNCIAS

ABDALA, Vitor. Tupi deu importantes contribuições ao português; disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2014/12/tupi-deu-importantes-contribuicoes-ao-portugues#:~:text=Meu%20xar%C3%A1%2C%20carioca%20da%20Tijuca,de%20caju%20e%20de%20maracuj%C3%A1>. 11 dez. 2014. Acesso em: 25 jan. 2022.

ALVES, Isabela. 70% dos alunos podem terminar a escola sem aprenderem português. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/70-por-cento-dos-alunos-podem-terminar-a-escola-sem-aprenderem-portugues/>, 26 abr. 2018. Acesso em 09 fev. 2022.

BAZERMAN, Charles, Gênero, agência e escrita. HOFFNAGEL, J.C.: DIONÍSIO, A. P. (Orgs.). Tradução e adaptação de Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL, 2002, Lei nº10.436, 24 de abr. 2002. Lei Brasileira que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 25 jan. 2022.

BRASIL, 2005, Decreto Federal nº5.626 de 22 de dezembro de 2005. Decreto Federal que torna a Educação Bilíngue aos estudantes Surdos obrigatória. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 22 mar. 2022.

BRASIL, 2008, Decreto Federal nº 6.583 de 29 de setembro de 2008. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm). Acesso em 22 mar. 2022.

CUNHA, A.G; CASTRO, Y.P; LOPES, N.; LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. Palavras de origem africana para trabalhar com os alunos, 70 palavras de origem africanas. <https://ensinarhistoria.com.br/palavras-de-origem-africana-para-trabalhar-com-os-alunos/#7>. 12 set. 2021. Acesso em: 25 jan. 2022.

DIAS, Juliana de Freitas. Ler e (re)escrever textos na universidade: Da prática teórica e do processo de aprendizagem ensino. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2019. p. 156; p. 286. ISBN 978-85-7113-985-5.

EIJI, Hugo. Cultura Surda. Congresso de Milão, disponível em: <https://culturasurda.net/congresso-de-milao/>. 2016. Acesso em: 16 de out. de 2021.

FARIA, (nome desconhecido). Palavras alemãs no português, Disponível em: <https://ampliesevocabulario.blogspot.com/2012/01/palavras-alemas-no-portugues-post-37.html>. 24 jan. 2012. Acesso em: 25 jan. 2022.

FERNANDES, Elaine Leal. Surdez versus aprendizado da língua portuguesa escrita. Disponível em <https://docplayer.com.br/19255668-Surdez-versus-aprendizado-da-lingua-portuguesa-escrita.html>. Juiz de Fora, p. 81, 2008. Acesso em 24 fev. 2022.

NEVES, Flávia. Anglicismos: Palavras de origem inglesa na língua portuguesa, disponível em: <https://www.normaculta.com.br/anglicismos-palavras-de-origem-inglesa-na-lingua-portuguesa/>. 201-. Acesso em: 25 jan. 2022.

PESSOA, Fernando. Minha pátria é a língua portuguesa. *In*: LIVRO do Desassossego. 2. ed. [S. l.]: Brasiliense, 1982. p. 358.

REDAÇÃO LYCEUM. Pisa – Ranking de educação mundial. Pisa – Ranking de educação mundial: entenda os dados do Brasil, Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/#:~:text=Quando%20o%20assunto%20%C3%A9%20avalia%C3%A7%C3%A3o,de%20pol%C3%ADticas%20sociais%20ou%20econ%C3%B4micas>. p. 1, 5 dez. 2019. Acesso em: 09 fev. 2022.

SANTOS, Bárbara Ferreira; RIBEIRO, Marcelo. Brasil está entre os piores em ranking mundial de educação: Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-esta-entre-os-8-piores-em-ciencias-em-ranking-de-educacao/>. 6 dez. 2016. Acesso em: 09 fev. 2022.

SANTOS, Thai. “Quantos livros o brasileiro lê por ano?”. Disponível em: <https://www.revistajovemgeek.com.br/2020/01/quantos-livros-o-brasileiro-le-por-ano.html#:~:text=Alguns%20anos%20atr%C3%A1s%20t%C3%ADnhamos%20a,um%20livro%20sequer%20na%20vida>. 19 jan. 2020. Acesso em 27 jan. 2022.

SILVA, Reginaldo A.; MONTEIRO, Simone V. M. O Português como Segunda Língua: Alfabetização como modalidade escrita a alunos surdos, disponível em: [https://portal.ifs.ifsuldeminas.edu.br/arquivos/paginas/menu\\_publica%C3%A7%C3%B5es\\_artigos\\_cient%C3%ADficos/O\\_Portugu%C3%AAs\\_como\\_Segunda\\_L%C3%A\\_Dngua\\_-\\_alfabetiza%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_modalidade\\_escrita\\_a\\_alunos\\_surdos.pdf](https://portal.ifs.ifsuldeminas.edu.br/arquivos/paginas/menu_publica%C3%A7%C3%B5es_artigos_cient%C3%ADficos/O_Portugu%C3%AAs_como_Segunda_L%C3%A_Dngua_-_alfabetiza%C3%A7%C3%A3o_como_modalidade_escrita_a_alunos_surdos.pdf). p. 3, 2018. Acesso em 22 mar. 2022.

SISTO, Fermino Fernandes; BORUCHOVITCH, Evely, TOLAINE, Lucila D.; BRENILLI, Rosely P.; MARTINELLI, Selma. Dificuldades de aprendizagem no contexto pedagógico, 8. ed. 1 jan. 2012, p.83.

SOUZA, Renan. Palavras de origem francesa no português, disponível em: <https://netlinguae.com.br/2019/05/28/palavras-de-origem-francesa-no-portugues/>. 28 maio 2019. Acesso em 25 jan. 2022.

STEPHENS, J. *Language and ideology in children's fiction*. 2. ed. London and New, York, Longman, 1996.

STROBEL, Karin Lilian; PERLIN, Gladis. Fundamentos da Educação de Surdos, p.11, Florianópolis, SC, 2006.

ZYCH, Anizia da Costa. Reflexão sobre a educação escolar do surdo. *Analecta*, Guarapuava, v.4, n.2, p.125, 2003.